

# A temática indígena nas redes sociais: uma experiência a partir do *Kmaikya*

Kalina Vanderlei Silva<sup>1</sup>

Aline Cândida de Araújo<sup>2</sup>

Valderlâne Carina Vieira dos Santos<sup>3</sup>

## Resumo

O presente trabalho é fruto das experiências vividas a partir do projeto “*Kmaikya: História Indígenas*”, desenvolvido por um grupo de estudantes da Universidade de Pernambuco, em um perfil no Instagram. Com o desenvolvimento deste projeto buscamos utilizar a ferramenta das redes sociais como forma de divulgação dos saberes e práticas dos diferentes povos indígenas, bem como o combate ao preconceito e ao etnocentrismo. Ainda assim, o canal também pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica para o Ensino de História Indígena. Portanto, o propósito deste artigo é apresentar como as mídias sociais, importantes ferramentas de comunicação, podem evidenciar o protagonismo indígena a partir de suas várias expressões artísticas, contribuindo assim, para o debate sobre a utilização das novas ferramentas de comunicação no combate às narrativas hegemônicas. Para tanto, procedeu-se a uma revisão da literatura sobre temas como Ensino e Redes Sociais, para embasar a leitura do Instagram em suas potencialidades para a Educação, assim como elaborou-se um relato de experiência sobre a elaboração de postagens para o *Kmaikya* a partir da leitura de teóricos indígenas. Conclui-se pela afirmação da potencialidade do Instagram como ferramenta para divulgar o protagonismo indígena, destacando como as comunidades indígenas utilizam a plataforma para promover suas culturas e lutas pelos seus direitos.

Palavras-Chave: Povos Indígenas; Redes Sociais; Cultura; Conhecimento.

## 1. Introdução

O presente texto busca refletir sobre a Internet como possibilidade para o ensino de história indígena a partir da experiência do *Kmaikya* - Histórias Indígenas, canal educativo para a propagação de artes e artistas indígenas no *Instagram*<sup>4</sup> criado e gerenciado por uma equipe de pesquisadores da Universidade de Pernambuco. Inaugurado com foco no ensino de História a partir do diálogo da equipe com professores da Educação Básica de diferentes estados brasileiros, o *Kmaikya* (que significa recordar na língua Yaathe dos Fulni-ô), logo achou um nicho na discussão sobre artes indígenas com o público docente e com diversos artistas indígenas em atividades, usando para tanto não apenas conceitos como Protagonismo,

<sup>1</sup>Doutora em História (UFPE). Professora Associada da Universidade de Pernambuco (UPE). Recife, Pernambuco, Brasil; [kalina.silva@upe.br](mailto:kalina.silva@upe.br).

<sup>2</sup>Mestranda em Ensino de História; ProfHistória – UPE; Nazaré da Mata, Pernambuco e Brasil; [aline.candida@upe.br](mailto:aline.candida@upe.br).

<sup>3</sup>Mestranda em Ensino de História; ProfHistória – UPE; Nazaré da Mata, Pernambuco e Brasil; [valderlane.carina@upe.br](mailto:valderlane.carina@upe.br).

<sup>4</sup> <https://www.instagram.com/kmaikya/>

mas uma imersão em movimentos artísticos como a Arte Indígena Contemporânea (AIC). Para o desenvolvimento da reflexão proposta, esse artigo realizou uma revisão da literatura acadêmica sobre Redes Sociais e Ensino, em cruzamento com a leitura sobre o Ensino de História Indígena para, a partir daí, proceder a um relato de experiência reflexivo sobre a construção constante do *Kmaikya* como ferramenta de ensino e divulgação das artes indígenas.

As redes sociais se configuram como elemento de grande presença e importância nas sociedades contemporâneas. Seus impactos geram alterações nas maneiras como as pessoas se relacionam e absorvem informações, sendo capazes de influenciar comportamentos e ditar padrões de consumo. Tais mídias permitem um espaço de comunicação rápida e instantânea entre as pessoas, favorecendo aproximação e possibilitando a difusão de informações. Isso porque, com o advento da Internet, o processo de comunicação passou por uma rápida transformação, uma vez que o fluxo de informações se tornou cada vez mais intenso e repentino. O alcance e a velocidade com que os dados se propagam nas redes sociais demonstram a eficiência desses veículos enquanto ferramentas altamente dinâmicas e especializadas em promover diversos tipos de interações sociais, além de entretenimento, *networking*, propagandas e também divulgação de saberes.

“Também é preciso ressaltar que as mídias sociais são importantes e sofisticados *dispositivos técnicos* de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações.” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1083).

Desta maneira, uma vez que formadas por um conjunto de atores sociais, “as redes dentro do ambiente organizacional, funcionam como espaços para o compartilhamento de informação e do conhecimento” (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005, p. 94). Todavia, não é possível afirmar que as informações propagadas nelas atingem um padrão de qualidade, uma vez que alguns de seus conteúdos são produzidos de maneira superficial, sem pesquisa aprofundada sobre os temas tratados, objetivando apenas a popularização/ alcance entre um público específico de seguidores.

Em virtude disso, a Internet, por meio de seus diversos aplicativos de comunicação remota, assume papéis variados, aproximando pessoas que se identificam com os conteúdos específicos (chamados de nichos), promovendo a partilha de informações mediante interesses comuns. Assim, notamos a existência de variados perfis nas redes sociais que mantêm vínculos de proximidade com seu público, conforme os segmentos de suas postagens, tratando

de temas específicos que interessam ao seu nicho e apenas daquele tema. Com efeito, a Internet se apresenta como um recurso eficiente ao reunir diversos atores sociais, podendo funcionar “como um espaço de sociabilidade, onde os laços sociais possam emergir” (RECUERO, 2017, p. 3) entre os seguidores de um perfil voltado para uma única temática que encontram nesse espaço digital o ambiente para compartilhar de seu interesse com pessoas igualmente sintonizadas.

Além disso, quando o compartilhamento de informações nas mídias digitais atinge o nível do conhecimento científico, os espaços ocupados pelas redes acabam promovendo “a fertilização de novas práticas de leitura e de (re)definição da forma de difundir o conhecimento.” (ALVES; MOTA; TAVARES, 2018, p. 26). Dessa maneira, tomamos os espaços das redes sociais como locais que devem ser ocupados pela popularização do saber, a partir da partilha de conhecimentos com um número crescente de usuários, democratizando informações mediante uma comunicação direta e próxima da usada pelo público.

## **2. O *Instagram* como ferramenta para o Ensino de História Indígena**

A permanência de um Ensino de História pautado nas diversas classificações que apresentam os povos indígenas como iguais, remetendo à figura do indígena genérico, coaduna-se com “a visão de um índio vivendo num isolamento cultural, em torno do qual não provaria transformações em seu modo de vida e em suas visões de mundo.” (LIMA; VIEIRA, 2013, p. 12). Essas interpretações ligadas à mentalidade colonialista eurocêntrica não sugerem outras narrativas a não ser a história dos “vencedores”, criando no imaginário social interpretações que limitam a figura do indígena ao ser que vive isolado e longe das tecnologias digitais. Decorre que desde o momento inicial da colonização, os povos indígenas foram classificados como ‘inferiores’, ‘incultos’ e ‘selvagens’, prevalecendo na atualidade a presença de discursos que visam a desinformação, como aquele sobre a projeção de desaparecimento dos povos originários do território brasileiro (SILVA, 2023), e a política assimilacionista que prevaleceu até pouco tempo atrás, quando era defendida a ideia de que os indígenas em contato com sociedades envolventes caminhavam inevitavelmente para a incorporação (ALMEIDA, 2010).

Em consequência das diversas transformações, “a educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança de circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias” (BAUMAN, 2011, p. 125). Nesse sentido, a fim de combater o modelo eurocêntrico de História oitocentista e novecentista, tornou-se obrigatório

o ensino de histórias e culturas que foram durante tanto tempo silenciadas, obrigatoriedade, no entanto, que se encontra incipiente.

A promulgação da Lei 11.645/2008 reflete a luta de movimentos e povos indígenas e seus apoiadores em favor do reconhecimento de direitos, a valorização e o respeito a suas culturas e modos de vida, contrapondo os currículos voltados para o Ensino de História, que continuam fundamentados em uma base eurocêntrica. Soma-se a isto a distância existente entre o conhecimento produzido nas instituições de ensino superior e o conteúdo ensinado na Educação Básica, reforçando um debate superficial e generalizante sobre a cultura dos povos indígenas, presos ao passado colonial e que não corresponde à contemporaneidade. (SILVA, 2022). Ainda assim, é válido ressaltar que:

“As leis são fundamentais como mecanismo de cobrança das instituições para que não precisemos partir do zero sempre, tendo que iniciar discussões nas escolas e nas universidades pelo princípio do convencimento, ou seja, não devemos trabalhar a Educação para as relações étnico-raciais em sala de aula meramente porque a lei obriga, mas porque temos a consciência histórica da necessidade de reparação social das maiorias minorizadas no Brasil.” (PINHEIRO, 2023, p. 125).

Nesse contexto, é relevante destacar que a partir da obrigatoriedade do estudo das histórias e culturas indígenas em nossas escolas, é necessário que haja uma revisão das metodologias didáticas para que os povos indígenas sejam incluídos e valorizados a partir de seus múltiplos saberes, identidades, organizações sociais e modos de vida. Segundo Silva (2023), apesar da implementação da Lei 11.645/2008, ainda existe uma persistência nas representações realizadas na Educação Básica no que tange os discursos generalistas sobre os povos indígenas. Essas premissas corroboram as “dificuldades de professores não indígenas, muitas vezes sem formação, tentando ensinar conteúdos alheios à realidade dos alunos a partir de concepções errôneas e racistas” (SILVA, 2023, p. 32).

Acresce também que o recurso didático mais utilizado por professores para o ensino é o livro didático, sendo essa uma ferramenta que em sua maioria carece de novas interpretações sobre as sociedades indígenas, visto que por estarem fundamentados em discursos colonialistas algumas dessas produções didáticas acabam reproduzindo estereótipos e anulando o protagonismo indígena na construção do conhecimento histórico e social.

Em contrapartida, ao se pensar em recursos didáticos para a potencialização e democratização do conhecimento sobre as sociedades indígenas, a utilização de mídias sociais nas salas de aula permite o aperfeiçoamento do trabalho docente, ocasionando melhores resultados nos níveis de aprendizagem dos estudantes. Assim, ao favorecer o desempenho de

abordagens didáticas que estão mais próximas da realidade vivida pelos jovens, a escola torna-se um campo onde a tecnologia deve ser vista e utilizada como dispositivo pedagógico para o reconhecimento crítico de múltiplos saberes, vivências e práticas sociais.

Uma vez que os estudantes enquanto nativos digitais “são produtores de conhecimento e protagonistas da cultura compartilhada da web”, os professores acabam competindo com as aulas disponibilizadas por “youtubers”, conteúdos produzidos por blogueiros e influenciadores digitais, nos quais os alunos têm acesso fácil à informação em diferentes formatos e são envolvidos por diversos mecanismos utilizados para interação com o público, enquanto a aula tradicional vai deixando de ser atrativa.

Por outro lado, muitas informações e materiais sobre a temática indígena encontradas na Internet reproduzem preconceitos de forma deliberada por diversas vezes; não há, portanto, nenhum filtro ou etiqueta que sinalize a origem das informações compartilhadas. Sendo assim, o uso da tecnologia e as mídias sociais podem ser utilizados como apoio aos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, enquanto ferramentas pedagógicas, desde que possuam uma intencionalidade e perspectiva de aprendizagem histórica. (MORAES, 2019, p. 3)

Entretanto, os desafios para o uso das mídias digitais em sala de aula são inúmeros. Escolas onde não existem aparelhos suficientes para atender a demanda dos estudantes, além de falta de Internet, são alguns dos principais obstáculos. Nesse ponto, além da mobilização de setores governamentais, o desenvolvimento de ações sociais que promovam a inclusão do uso da tecnologia é indispensável, visto que a “a evolução tecnológica só é benéfica se for acompanhada de inclusão social e não desigualdades sociais” (BATISTA; FREITAS, 2018, p. 122).

Diante da realidade em que o estudante deixou de ser mero receptor de conhecimento, o professor de História deve estar em constante atualização a respeito de novos subsídios e recursos pedagógicos, seja seguindo as recentes pesquisas acadêmicas ou se apropriando de outros espaços e instituições que tratam da temática indígena. Sendo assim, o *Kmaikya* se apresenta como um ambiente propositivo para o ensino de história e cultura indígenas, privilegiando o protagonismo indígena e a diversidade, uma vez que está alinhado com as discussões recentes sobre a temática. Desta forma, visa contribuir para a redução das lacunas decorrentes da formação dos docentes, mobilizando-os frente às representações racistas que ainda persistem no ensino de história e nas mídias sociais.

Nessa conjuntura, utilizamos a Internet como recurso para a desconstrução de narrativas hegemônicas, buscando estabelecer novos olhares sobre o ensino de História Indígena em nosso país. Assim, tomamos como exemplo alguns perfis no Instagram que foram lançados visando discutir a temática indígena, além de propor ferramentas didáticas e subsídios sobre a Nova História Indígena. A página @Proftassi, gerenciada pela professora Tássita Moreira, promove a busca por uma educação decolonial, embasada em propostas pedagógicas para ensinar a temática indígena e promover a descolonização dos saberes e práticas educativas. Hoje, seu canal no *Instagram* conta com mais de 6 mil seguidores, e suas atividades desenvolvidas envolvem a divulgação de cursos, oficinas, leituras e dicas para caminhos de uma educação emancipadora. Outro perfil que merece destaque é o “Por uma história indígena” (@por\_uma\_historia\_indigena), gerenciado pelo historiador e educador social Ivan Santos. Na atualidade<sup>5</sup>, a página tem por objetivo apresentar as principais contribuições para a construção da Nova História Indígena, além da divulgação de informações sobre os povos indígenas para professores e demais interessados.

### 3. A temática indígena a partir do Instagram Kmaikya

A página *Kmaikya* surgiu em setembro de 2020, no Facebook e Instagram, como um produto das oficinas ‘Artes Indígenas para Professores do Ensino Fundamental e Médio’ realizadas de forma remota pela Universidade de Pernambuco através do *Google Meet* e *Classroom*. Os conteúdos abordados nas oficinas estavam organizados da seguinte forma:

discussões conceituais sobre História da Arte e História Indígena (Oficina 01); discussões conceituais sobre estéticas indígenas e os modelos da Arte Naturalista e Idealista (Oficina 02); estudo de arquiteturas indígenas (Oficina 03); estudo de cerâmicas indígenas (Oficina 04); estudo de pinturas indígenas (Oficina 05). (SILVA, 2023, p. 18).

Na época em que as oficinas foram planejadas, no auge da Pandemia da COVID-19, pensaram o uso da Internet como ferramenta para potencializar a formação continuada de professores aproveitando um primeiro impulso das plataformas digitais e Ambientes Virtuais de Aprendizado (AVA) como instrumentos pedagógicos de amplo alcance para promover a desconstrução de estereótipos e o acesso a novas metodologias didáticas sobre as populações originárias. As oficinas geraram o perfil que foi um resultado das trocas de experiências entre professores que atuam na Educação Básica em diferentes estados do país e que propuseram o

---

<sup>5</sup> As informações sobre esses perfis foram atualizadas em maio de 2024. Lembramos que perfis das redes sociais têm vida dinâmica e podem sofrer alteração a qualquer momento.

canal como sugestão para continuidade ao trabalho desenvolvido nas oficinas (SILVA, 2023, p. 11).

Atualmente, o conteúdo publicado no perfil passa por um processo de produção que compreende a escolha da temática, pesquisa, elaboração do texto, seleção das imagens, até a produção da arte, elaborada através da plataforma gratuita do *Canva*<sup>6</sup>. Toda essa sequência faz parte de um trabalho prévio que perpassa o debate e a correção minuciosa, realizados em grupo pelos componentes do projeto. Há também o conteúdo orgânico que é compartilhado utilizando o recurso dos *stories*, a fim de reproduzir material relevante produzido diretamente por perfis de autores, artistas, intelectuais e movimentos indígenas, ou não, que esteja conforme o propósito deste perfil, além de links para acesso a livros e filmes de domínio público.

Uma etapa muito importante diz respeito à escolha dos temas abordados no perfil. Os conteúdos são embasados em pesquisas acadêmicas realizadas pelos participantes do projeto, sugeridos a partir dos debates que acontecem no cenário político atual e nas mídias sociais, nas vivências em salas de aula, que por sua vez têm em comum resgatar o protagonismo indígena na História a partir da ótica decolonial. A pesquisa e a elaboração de conteúdo acerca de diferentes temáticas sobre artes e História Indígena são realizadas por um grupo de estudantes da graduação e pós-graduação da Universidade de Pernambuco (UPE). As postagens têm como referências fontes científicas e artísticas, adaptadas para uma linguagem acessível para as redes sociais. Tudo alimentado no *Instagram*, seja no *feed* ou nos *stories*, é pensado para visibilizar a presença indígena. Sendo assim, o conceito de protagonismo, entendido como o esforço em reconhecer as ações e reações de sujeitos indígenas que impactaram os processos históricos, compreende o cerne do trabalho realizado pelo perfil. (ALMEIDA, 2016, p. 8).

As temáticas envolvem, sobretudo, música, animação, cinema, leituras, divulgação de eventos, artes plásticas e literatura. Por meio da seleção do material, na maioria das vezes retirado de divulgações realizadas por artistas indígenas em seus perfis no *Instagram*, criamos postagens que visam promover a divulgação dos saberes indígenas e seus protagonismos. A interação entre os artistas indígenas e a página acontece com frequência, uma vez que as

---

<sup>6</sup> <https://www.canva.com/>

publicações sempre fazem menção aos perfis dos artistas ou escritores aos quais a postagem está direcionada. Desta forma, buscamos enfatizar a autoria indígena, conceito primordial que embasa a retomada da autonomia por parte de intelectuais e artistas indígenas, ressignificando assim sua representação que por muito tempo esteve relegada ao olhar estrangeiro. (DORRICO, 2018, p. 228)

Obras literárias de autoras e autores como: Graça Graúna, Eva Potiguara, Eliane Potiguara, Auritha Tabajara, Julie Dorrico e Daniel Munduruku, são alguns exemplos de referências para as nossas postagens. No campo musical, alguns destaques já foram temas de publicações: Thaline Karajá, Kaê Guajajara, Djotana AKA Siba Puri e Katú Mirim. Já na área das artes plásticas, referências como Jaider Esbell e Daiara Tukano são alguns nomes que aparecem com frequência no perfil.

Figura 1 - Feed do Kmaikya no Instagram



Fonte: @kmaikya (2023)

Se inicialmente o canal contou com o engajamento quase que somente dos professores que participaram das oficinas de artes indígenas, atualmente está alcançando cada vez mais um número maior de contas (Quadro 1), dentre elas, tanto aquelas de alunos da graduação e do ensino básico quanto de artistas, autores e intelectuais indígenas. Sendo assim, a página *Kmaikya* desempenha funções fundamentais na divulgação da história e cultura de diferentes povos indígenas da América, bem como do trabalho de artistas indígenas contemporâneos.

Quadro 1 - Insights - *Kmaikya* (15 de abril a 14 de maio de 2024)

| Contas alcançadas | Contas com engajamento | Total de seguidores |
|-------------------|------------------------|---------------------|
| 576               | 162                    | 901                 |

Fonte: @Kmaikya (2024)

Ao efetuarmos a democratização do conhecimento sobre as populações indígenas, seguimos o exemplo de pensadores, artistas e influencers indígenas que usam a Internet como um local para debates sobre política, defesa de direitos, preservação da cultura, acesso à terra e a cidadania, e as redes sociais como espaço de poder para a concretização de suas estratégias de reivindicações. É comum a presença de perfis de ativistas indígenas buscando espaço para a efetivação de debates contra o genocídio e a busca por projetos políticos que reparem os malefícios causados pela colonização e suas consequências. Para Daniel Munduruku, as mídias sociais:

“Tem ajudado bastante a diminuir o preconceito, porque o preconceito vem da ignorância. E as pessoas passaram a fazer parte dessas redes sociais todas e começam também a receber informações a respeito das nossas culturas, dos nossos povos. São ferramentas fundamentais para o reconhecimento dessas riquezas ancestrais, são instrumentos importantes para denunciar injustiças, invasões. São instrumentos fundamentais para a gente se manter vivo e atualizado no mundo em transformação.” (MUNDURUKU, 2012).

Desta forma, “o Instagram é usado como uma ferramenta digital que possibilita espaço discursivo e visibilidade a grupos marginalizados para que possam ter voz e reivindicar seus direitos sociais” (RABELO; PARAGUASSÚ; SILVA, 2021, p. 267), tornando-se importante para a construção de um conjunto de conhecimentos em prol da luta para a defesa da vida, das tradições e do território. Ademais, as redes sociais permitem que os povos indígenas atuem enquanto consumidores e produtores digitais, realizando ao seu próprio modo a criação de conteúdos sobre seu povo e suas identidades culturais, visto que concordamos que “participar intensamente da sociedade dos brancos e aprender seus mecanismos de funcionamento não significa deixar de ser índio e sim, a possibilidade de agir, sobreviver e defender seus direitos”. (BAUMAN, 2005, p. 33). Assim sendo, é possível considerar que os indígenas “apropriam-se deste espaço para protagonizar suas próprias histórias, buscando reverter o imaginário embasado na colonialidade e dialogando com a sociedade para a construção identitária contemporânea.” (RIOS; SILVA, 2023, p. 223).

Lideranças como o Cacique Edinaldo do povo Tabaraja vêm ocupando o seu Instagram (@caciquetabajara) com discussões culturais (voltadas para o resgate de tradições), ambientais, políticas, sociais e econômicas, referentes ao povo Tabajara da Paraíba. Outro exemplo é o trabalho desenvolvido pela Tereza Arapium (@arapiumtereza), guia turística, artesã e ativista das causas ambientais e indígenas. Em sua página, Tereza realiza a defesa da cultura e dos direitos dos diferentes povos originários, além da luta pela manutenção dos territórios dos povos indígenas contra o agronegócio. Outra referência é o Dinamam Tuxá (@dinamam\_tuxa), militante social indígena, advogado e coordenador da Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), que através das suas mídias sociais, vem realizando denúncias sobre invasões a territórios indígenas, mobilizando a ação popular contra projetos de leis que visam o genocídio contra os povos originários.

Tais atuações demonstram como “o acesso aos conteúdos produzidos por indígenas que, além da pluralidade étnica, buscam apresentar suas demandas políticas, como a demarcação das terras, e a difusão de conteúdos que visam o protagonismo e a divulgação de suas ações.” (SULIMAN, 2023, p. 57). Entretanto, ao mesmo tempo que esses *influencers* indígenas mostram as possibilidades do *Instagram* como veículo de educação antirracista, esse espaço virtual também se tornou um terreno fértil para a disseminação de discursos de ódio. Vários são os grupos de extrema-direita, fundamentalistas e outras organizações racistas que hoje usam as redes sociais para difundir preceitos racistas, de intolerância religiosa e fomentar violência contra grupos minoritários, principalmente a população LGBTQIAP+, afro-brasileiros e indígenas, situação que torna cada vez mais importante o ativismo digital antirracista.

#### **4. Considerações finais**

Não há como negar que o acesso à Internet trouxe inúmeras possibilidades e ela está entre os espaços mais ocupados pelos estudantes na contemporaneidade. Para acompanhar as rápidas mudanças de uma geração cada vez mais conectada na educação, as redes sociais podem ser usadas como ferramentas que apresentam um leque variado de recursos para o uso pedagógico. Além disso, perceber o alcance da Internet nas sociedades globalizadas nos faz pensar sobre a importância desses locais enquanto espaços de debates e visibilidade para os povos subalternizados pela colonialidade. Desta forma, a conectividade, por meio de uma rede global, poderá promover o conhecimento sobre valores, identidades e tradições, que servirão

como pilares importantes para a construção de saberes necessários para o desenvolvimento de práticas de respeito em relação à diversidade cultural existente.

Nesse sentido, o *Kmaikya* surge como um perfil no *Instagram*, criado a partir da sugestão de professores que apresentam uma carência em sua formação acadêmica com relação à temática indígena, além das dificuldades, na prática em sala de aula, uma vez que os recursos pedagógicos, como o livro didático, reforçam estereótipos e preconceitos sobre as populações indígenas arraigados no imaginário social. Diante desse cenário, a página oferece inúmeras possibilidades a partir da oferta de recursos que inovam ao destacar o protagonismo e a autoria indígena, buscando dessa forma romper com o silenciamento, a invisibilidade dos indígenas como atores sociais e no combate aos preconceitos produzidos historicamente pela sociedade através do ensino de História.

Diante do volume de informações que circulam cotidianamente na Internet e nas redes sociais, além dos usos frequentes que os estudantes fazem desses veículos de comunicação como suporte para realização de suas atividades escolares, sugere-se que os docentes utilizem e indiquem para os seus alunos o perfil *Kmaikya* como um espaço para a prática de buscas seguras no que diz respeito às histórias e culturas indígenas, uma vez que as publicações criadas no perfil são produzidas de maneira responsável e com seriedade acadêmica, visando sempre o respeito à diversidade cultural e à autoria indígena.

### Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Prefácio. In: SOUZA, Fábio Feltrin de. *Protagonismo Indígena na História*. Tubarão: UFFS, 2016, pp. 07-14.

ALVES, André Luis.; MOTA, Marlton Fontes.; TAVARES, Thiago Pontes. *O INSTAGRAM NO PROCESSO DE ENGAJAMENTO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS: A dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem*. Revista Científica da FASETE 2018.2.

BATISTA, Sandra Aparecida, FREITAS, Carlos Cesar G. O uso da tecnologia na educação: um debate a partir da alternativa da tecnologia social. *Revista tecnologia e sociedade*, v. 14, n. 30, p. 121-135, jan./abr. 2018. Disponível em; <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/5784>.

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DORRICO, Julie. *Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária*. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

EVELYNE BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. *MÍDIA-EDUCAÇÃO: CONCEITOS, HISTÓRIA E PERSPECTIVAS*. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

LIMA, Izaíra Thalita da Silva; VIEIRA, José Glebson. *Netnografia como método de pesquisa no estudo de povos indígenas no ciberespaço*. II SEMANA DE HUMANIDADES – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RN, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/32803328/ARTIGO\\_-\\_SEMANA\\_HUMANIDADES\\_2013.pdf](https://www.academia.edu/download/32803328/ARTIGO_-_SEMANA_HUMANIDADES_2013.pdf)

MORAES, Daniela Martins de Menezes. *Ensinar e aprender história nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar*. ANPUH - BRASIL - 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Recife, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. *Para indígena brasileiro, globalização ajuda a diminuir o preconceito*. ONU News Perspectiva Global Reportagens Humanas, 2012. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2012/08/1412271> Acesso em: 13 de outubro de 2023.

PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço*. 2007. 169 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RABELO, Nara Rúbia Santos; Alita Carvalho Miranda PARAGUASSÚ; Nunes Xavier da SILVA. *O Discurso da Mulher Indígena na Rede Social Instagram: Protagonismo e Militância*. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 254-277

RECUERO, Raquel. *Considerações sobre a Difusão de Informações em Redes Sociais na Internet*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS

RIOS, Layana do Amaral. SILVA, Cláudia. *INFLUENCIADORES DIGITAIS INDÍGENAS: O INSTAGRAM COMO MÍDIA PARA MANIFESTAÇÃO IDENTITÁRIA E ATIVISTA DE INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA*. Brazilian Creative Industries Journal | Novo Hamburgo | v. 3 | n. 1 | jan./jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/braziliancreativeindustries/article/view/3206> Acesso em: 7 nov. 2023.

ROSHANI, Niousha. *DISCURSO DE ÓDIO E ATIVISMO DIGITAL ANTIRRACISMO DE JOVENS AFRODESCENDENTES NO BRASIL E COLÔMBIA*. In: SILVA, Tarcízio (Org.) *COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS: OLHARES*

AFRODIASPÓRICOS. São Paulo: Literarua, 2020. p. 43-62. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Carrera-2/publication/341767578\\_Racismo\\_e\\_sexismo\\_em\\_bancos\\_de\\_imagens\\_digitais\\_analise\\_de\\_resultados\\_de\\_busca\\_e\\_atribuicao\\_de\\_relevancia\\_na\\_dimensao\\_financeiraprofissional/links/5ed2db3e458515294521df0e/Racismo-e-sexismo-em-bancos-de-imagens-digitais-analise-de-resultados-de-busca-e-atribuicao-de-relevancia-na-dimensao-financeira-profissional.pdf#page=43](https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Carrera-2/publication/341767578_Racismo_e_sexismo_em_bancos_de_imagens_digitais_analise_de_resultados_de_busca_e_atribuicao_de_relevancia_na_dimensao_financeiraprofissional/links/5ed2db3e458515294521df0e/Racismo-e-sexismo-em-bancos-de-imagens-digitais-analise-de-resultados-de-busca-e-atribuicao-de-relevancia-na-dimensao-financeira-profissional.pdf#page=43) Acesso em: 7 nov. 2023.

SANTOS, Clécio C. “A emergência do ativismo digital antirracista no Brasil”. Dissonância: Revista de Teoria Crítica, volume 6, Campinas, 2022, p. 453-500. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/teoriacritica/article/view/4581> Acesso em: 6 nov. 2023.

SILVA, Kalina Vanderlei Silva. Arte E História Indígena E A Internet Como Espaço De Ensino: Experiências Com Oficinas Virtuais E Redes Sociais. In: SILVA, Kalina Vanderlei; DOS SANTOS, Mário Ribeiro; DE ARAÚJO, Sandra Simone Moraes. Olhares plurais para o ensino e a pesquisa em história [livro eletrônico]. Recife, PE: Edupe, 2023.

SILVA, Kalina Vanderlei. Currículo de história, ensino de história indígena e direitos humanos: refletindo sobre o lugar indígena no ensino dez anos após a promulgação da DNEDH. Revista Humanidades e Inovação - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.10, n.03, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8438> Acesso em: 5 nov. 2023.

SILVA, Kalina Vanderlei. QUEM DISSE QUE “OS ÍNDIOS ESTÃO ACABANDO”? Respostas Indígenas ao Discurso do “Fim dos Índios” no Ensino de História. Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 220-248. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/1020/986](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/1020/986)

SILVA, Rosane Leal da. *Et al.* DISCURSOS DE ÓDIO EM REDES SOCIAIS: JURISPRUDÊNCIA BRASILEIRA. REVISTA DIREITO GV, SÃO PAULO 7(2) | P. 445-468 | JUL-DEZ 2011.

SILVA, Tarcízio. *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos*. Organização e Edição: Tarcízio Silva; Revisão Ortográfica: Toni C.; Demétrios dos Santos Ferreira; Tarcízio Silva; Gabriela Porfírio; Taís Oliveira; Tradução: Vinícius Silva; Tarcízio Silva; Ilustração de Capa: Isabella Bispo; Diagramação: Yuri Amaral; Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.

SULIMAN, Sara da Silva. A temática indígena na sala de aula através das etnomídias indígenas: algumas proposições. In: SOUZA, Rosemeire de Oliveira; RODRIGUES, Sonia da Silva[Orgs.] *Ensino de História Indígena na sala de aula: repensando práticas e metodologias*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/98069483/EBOOK\\_Ensino\\_de\\_Historia\\_Indigena\\_na\\_sala\\_de\\_aula.pdf#page=56](https://www.academia.edu/download/98069483/EBOOK_Ensino_de_Historia_Indigena_na_sala_de_aula.pdf#page=56)

TOMAÉL, Maria Inês Tomaé.: ALCARÁ, Adriana Rosecler.: DI CHIARA, Ivone Guerreiro Di Chiara. *Das redes sociais à inovação*. Ci. Inf., Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005

## La temática indígena en las redes sociales: una experiencia a partir del

### *Kmaikya*

#### Resumen

El presente trabajo es el resultado de las experiencias vividas a partir del proyecto "Kmaikya: Historias Indígenas", desarrollado por un grupo de estudiantes de la Universidad de Pernambuco en un perfil de Instagram. Con el desarrollo de este proyecto, buscamos utilizar la herramienta de las redes sociales como forma de difundir los conocimientos y prácticas de los diferentes pueblos indígenas, así como combatir el prejuicio y el etnocentrismo. Además, el canal también puede ser utilizado como una herramienta pedagógica para la enseñanza de la historia indígena. Por lo tanto, el propósito de este artículo es presentar cómo las redes sociales, importantes herramientas de comunicación, pueden evidenciar el protagonismo indígena a través de sus diversas expresiones artísticas, contribuyendo así al debate sobre el uso de nuevas herramientas de comunicación en la lucha contra las narrativas hegemónicas. Para ello, se realizó una revisión de la literatura sobre temas como Enseñanza y Redes Sociales, para fundamentar la lectura de Instagram en sus potencialidades para la educación, así como se elaboró un relato de experiencia sobre la elaboración de publicaciones para Kmaikya a partir de la lectura de teóricos indígenas. Se concluye afirmando la capacidad potencial de Instagram como herramienta para difundir el protagonismo indígena, destacando cómo las comunidades indígenas utilizan la plataforma para promover sus culturas y luchar por sus derechos.

Palabras clave: Pueblos Indígenas; Redes Sociales; Cultura; Conocimiento.

## La thématique indigène sur les réseaux sociaux : une expérience à partir du *Kmaikya*

#### Résumé

Le présent travail est le fruit des expériences vécues dans le cadre du projet "Kmaikya: Histoires Indigènes", développé par un groupe d'étudiants de l'Université de Pernambuco sur un profil Instagram. Avec le développement de ce projet, nous cherchons à utiliser l'outil des réseaux sociaux comme moyen de diffusion des savoirs et des pratiques des différents peuples indigènes, ainsi que de lutte contre les préjugés et l'ethnocentrisme. De plus, le canal peut également être utilisé comme outil pédagogique pour l'enseignement de l'histoire indigène. Par conséquent, l'objectif de cet article est de présenter comment les réseaux sociaux, des outils de communication importants, peuvent mettre en évidence le protagonisme indigène à travers ses différentes expressions artistiques, contribuant ainsi au débat sur l'utilisation de nouveaux outils de communication dans la lutte contre les narrations hégémoniques. À cette fin, une revue de littérature sur des sujets tels que l'Enseignement et les Réseaux Sociaux a été réalisée pour étayer la lecture d'Instagram dans ses potentialités pour l'éducation, ainsi qu'un récit d'expérience sur la création de publications pour Kmaikya à partir de la lecture de théoriciens indigènes. On conclut en affirmant le potentiel d'Instagram comme outil de diffusion du protagonisme indigène, en soulignant comment les communautés indigènes utilisent la plateforme pour promouvoir leurs cultures et lutter pour leurs droits.

Mots-clés: Peuples Indigènes; Réseaux Sociaux; Culture; Connaissance.

## **The indigenous theme on social media: an experience from**

### ***Kmaikya***

#### **Abstract**

The present work stems from the experiences lived through the project "Kmaikya: Indigenous History," developed by a group of students from the University of Pernambuco, on an Instagram profile. With the development of this project, we sought to utilize the tool of social media as a means of disseminating the knowledge and practices of different indigenous peoples, as well as combating prejudice and ethnocentrism. Nevertheless, the channel can also be used as a pedagogical tool for the teaching of Indigenous History. Therefore, the purpose of this article is to present how social media, important communication tools, can highlight indigenous protagonism through their various artistic expressions, thus contributing to the debate on the use of new communication tools in combating hegemonic narratives. To this end, a literature review was conducted on topics such as Education and Social Networks, to support the understanding of Instagram in its potential for Education, as well as an account of the experience of crafting posts for Kmaikya based on the reading of indigenous theorists. It is concluded by affirming the potential of Instagram as a tool to disseminate indigenous protagonism, highlighting how indigenous communities use the platform to promote their cultures and fight for their rights.

Keywords: Indigenous Peoples; Social Networks; Culture; Knowledge.